

LAURENT BINET

Quem matou Roland Barthes?

Tradução

Rosa Freire d'Aguilar



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2015 by Editions Grasset & Fasquelle

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

La Septième Fonction du langage

Capa

Elisa von Randow

Foto de capa

Robelin, c. 1920, Montrouge

Preparação

Flavia Lago

Revisão

Angela das Neves

Thaís Totino Richter

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Binet, Laurent

Quem matou Roland Barthes? / Laurent Binet ; tradução
Rosa Freire d'Aguiar. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das
Letras, 2016.

Título original: La Septième Fonction du langage.

ISBN 978-85-359-2814-3

1. Literatura francesa 2. Romance histórico 1. Título.

16-07168

CDD-843

Índice para catálogo sistemático:

1. Romance histórico: Literatura francesa 843

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Há intérpretes por todo lado. Cada um fala sua língua mesmo se conhece a língua do outro. As astúcias do intérprete têm um campo muito aberto e ele não esquece seus interesses.

Derrida

PRIMEIRA PARTE

Paris

1.

A vida não é um romance. Pelo menos é o que você gostaria de acreditar. Roland Barthes sobe a Rue de Bièvre. O maior crítico literário do século xx tem todas as razões para estar no auge da angústia. Sua mãe, com quem mantinha relações muito proustianas, morreu. E seu curso no Collège de France, intitulado “A preparação do romance”, resultou num fracasso que dificilmente ele pode disfarçar: o ano inteiro ele terá falado para seus estudantes de haikus japoneses, de fotografia, de significantes e significados, de divertimentos pascalianos, de garçons de bar, de robes de chambre ou de lugares no auditório — de tudo, menos do romance. E vai fazer três anos que isso dura. Ele sabe, necessariamente, que o próprio curso não passa de uma manobra dilatória para adiar o momento de começar uma obra realmente literária, isto é, que faça justiça ao escritor hipersensível que cochila dentro dele e que, segundo a opinião de todos, começou a brotar em seus *Fragmentos de um discurso amoroso*, já então a

bíblia dos menores de vinte e cinco anos. De Sainte-Beuve para Proust, está na hora de mudar e assumir o lugar que lhe cabe no panteão dos escritores. Mamãe morreu: desde *O grau zero da escrita* fechou-se um ciclo. Chegou a hora.

Apolítica, bem, veremos. Não se pode dizer que ele seja muito maoista, desde a viagem à China. Ao mesmo tempo, não é isso que se espera dele.

Chateaubriand, La Rochefoucauld, Brecht, Racine, Robbe-Grillet, Michelet, Mamãe. O amor de um filho.

Eu me pergunto se já havia todas essas lojas do “Vieux Campeur” aqui neste bairro.

Daqui a quinze minutos ele estará morto.

Tenho certeza de que a comida estava boa, na Rue des Blancs-Manteaux. Imagino que se coma bem na casa daquela gente. No *Mitologias*, Roland Barthes decodifica os mitos contemporâneos erigidos pela burguesia à sua própria glória, e foi com esse livro que realmente se tornou célebre; em suma, de certa maneira a burguesia terá feito sua fortuna. Mas era a pequena burguesia. O grande burguês que se põe a serviço do povo é um caso muito particular, que merece análise; será preciso escrever um artigo. Esta noite? Por que não agora mesmo? Mas não, primeiro ele precisa selecionar os slides.

Roland Barthes aperta o passo sem notar nada no ambiente que o cerca, ele, que no entanto é um observador nato, ele, cuja profissão consiste em observar e analisar, ele, que passou a vida inteira encurralando todos os signos. Realmente, não vê as árvores nem as calçadas nem as vitrines nem os carros do Boulevard Saint-Germain, que ele conhece de cor. Já não está no Japão. Não sente a ardência do frio. Mal e mal ouve os barulhos da rua. É um pouco como a alegoria da caverna ao contrário: o mundo das ideias em que se trancou obscurece sua percepção do mundo sensível. Ao redor, só vê sombras.

As razões que acabo de evocar para explicar a atitude preocupada de Roland Barthes são todas comprovadas pela História, mas minha vontade é contar a vocês o que realmente aconteceu. Naquele dia, se ele está com a cabeça longe não é só por causa da mãe morta, nem da incapacidade de escrever um romance, nem sequer do desinteresse crescente e, pensa ele, irremediável, pelos rapazes. Não digo que ele não pense nisso, não tenho a menor dúvida sobre a qualidade de suas neuroses obsessivas. Mas hoje há outra coisa. Pelo olhar ausente do homem mergulhado em seus pensamentos, o passante atento saberia reconhecer esse estado que Barthes acreditava que nunca mais sentiria: a excitação. Não há apenas sua mãe, nem os garotos, nem seu romance fantasma. Há a *libido sciendi*, a sede de saber, e com ela, a orgulhosa perspectiva, reativada, de revolucionar o conhecimento humano e, talvez, mudar o mundo. Acaso, ao atravessar a Rue des Écoles, Barthes se sente como Einstein pensando sua teoria? O que é certo é que não está muito atento. Ainda lhe restam algumas dezenas de metros até chegar à sua sala, quando é atropelado por uma caminhonete. Seu corpo produz o som surdo, característico, horrível, da carne que se choca na chapa metálica e vai rolar sobre a calçada como uma boneca de pano. Os passantes levam um susto. Naquela tarde do dia 25 de fevereiro de 1980, eles não podem saber o que acaba de acontecer diante de seus olhos, e com toda razão, pois até hoje o mundo ainda o ignora.

2.

A semiologia é um troço muito esquisito. Foi Ferdinand de Saussure, fundador da linguística, o primeiro que a intuiu. No seu *Curso de linguística geral*, propõe “conceber uma ciência

que estude a vida dos signos no seio da vida social”. Nada menos. Ele acrescenta, à guisa de pista para os que gostariam de se dedicar a essa tarefa: “Ela constituiria uma parte da psicologia social, e por conseguinte da psicologia geral; chamá-la-emos de *semiologia* (do grego *sēmeion*, ‘signo’). Ela nos ensinará em que consistem os signos, que leis os regem. Como tal ciência não existe ainda, não se pode dizer o que será; mas ela tem direito, porém, à existência, seu lugar está determinado de antemão. A linguística não é senão uma parte dessa ciência geral; as leis que a semiologia descobrir serão aplicáveis à linguística e esta se achará dessarte vinculada a um domínio bem definido no conjunto dos fatos humanos”. Eu gostaria que Fabrice Luchini nos relese esse trecho, marcando as palavras como ele sabe fazer tão bem, para que o mundo inteiro pudesse perceber, senão o sentido, pelo menos toda a sua beleza. Tal intuição genial, quase incompreensível para seus contemporâneos (o curso foi ministrado em 1906), nada perdeu, um século depois, de sua força nem de sua obscuridade. Inúmeros semiólogos tentaram, desde então, fornecer definições a um só tempo mais claras e mais detalhadas, mas se contradisseram, uns aos outros (às vezes sem que eles mesmos se dessem conta), embrulharam tudo e no final só conseguiram alongar (e mesmo assim, a duras penas) a lista dos sistemas de signos que escapam à língua: o código de trânsito, o código marítimo internacional, os números dos ônibus, os números de quartos de hotel vieram completar as patentes militares, o alfabeto dos surdos-mudos... e foi mais ou menos tudo.

Um pouco magro, diante da ambição inicial.

Vista dessa maneira, a semiologia, longe de ser uma extensão do campo da linguística, parece se reduzir ao estudo das protolinguagens grosseiras, bem menos complexas, e portanto bem mais limitadas do que qualquer língua.

Mas, na verdade, não.

Não é um acaso se Umberto Eco, o sábio de Bolonha, um dos últimos semiólogos ainda vivos,* se refere com tanta frequência às grandes invenções decisivas na história da humanidade: a roda, a colher, o livro..., instrumentos perfeitos, segundo ele, de eficácia insuperável. De fato, tudo leva a supor que a semiologia é, na verdade, uma das invenções capitais da história da humanidade e um dos mais poderosos instrumentos jamais forjados pelo homem, mas é como o fogo ou o átomo: no princípio, nunca se sabe para que isso serve, e como se servir disso.

3.

Na verdade, ele não morreu quinze minutos depois. Roland Barthes jaz no meio-fio, inerte, mas um assobio rouco escapa de seu corpo, e enquanto seu espírito mergulha na inconsciência, provavelmente atravessado por haikus turbilhonantes, alexandrinos racinianos e aforismos pascalianos, ele ouve — talvez seja a última coisa que ouvirá, é o que ele pensa (é o que ele pensa, com toda certeza) — os gritos de um homem apavorado: “Ele se jogou debaixo das minhas rrodas! Ele se jogou debaixo das minhas rrodas!”. De onde vem esse sotaque? Ao redor, os passantes, refeitos do estupor, se amontoaram e, debruçados sobre seu futuro cadáver, discutem, analisam, avaliam:

“Temos que pedir socorro!”

“Não vale a pena, ele está bêbado.”

“Ele se jogou debaixo das minhas rrodas, vocês são testemunhas!”

“A cara dele está tremendamente machucada.”

“Pobre homem...”

* Umberto Eco faleceu em 2016.

“É preciso encontrar uma cabine telefônica. Quem tem moeda?”

“Eu nem tive tempo de frrear!”

“Não encostem nele, temos que esperar pelo socorro.”

“Afastem-se! Sou médico.”

“Não virem ele!”

“Eu sou médico. Ele ainda está vivo.”

“É preciso avisar à família.”

“Pobre homem...”

“Eu o conheço!”

“É um suicida?”

“Teria que saber o grupo sanguíneo dele.”

“É um cliente. Toda manhã vem tomar um copinho de vinho.”

“Não vai mais... Ele está bêbado?”

“Está com cheiro de álcool.”

“Um vinhozinho branco no balcão, toda manhã, há anos.”

“Isso não nos revela o grupo sanguíneo dele...”

“Ele atrravessou sem olharr!”

“O motorista deve ter o controle do veículo, em qualquer circunstância, é a lei, aqui.”

“Vai dar tudo certo, meu chapa, se você tiver um bom seguro.”

“Mas ele vai perder pontos na próxima apólice.”

“Não encostem nele!”

“Eu sou médico.”

“Eu também.”

“Então cuide dele. Vou buscar socorro.”

“Eu tenho que entrregar minha merrrcadoria...”

A maioria das línguas do mundo usam o *r* apicoalveolar, que se chama *r* enrolado, ao contrário do francês, que adotou o *r* dorsivelar há uns trezentos anos. Nem o alemão nem o in-

glês enrolam os r. Não é italiano nem espanhol. Português, quem sabe? Na verdade, é meio gutural, mas o fraseado do homem não é muito nasal nem canta muito, na verdade é até bastante monócórdio, a ponto de se distinguirem mal as inflexões do pânico.

Parece russo.

4.

Como a semiologia, que, nascida da linguística, por pouco não foi um aborto da natureza destinado ao estudo das linguagens mais pobres e mais limitadas, conseguiu se transformar *in extremis* em uma bomba de nêutrons?

Por uma operação à qual Barthes não é alheio.

No início, a semiologia se dedicava ao estudo dos sistemas de comunicação não linguísticos. Saussure em pessoa disse a seus estudantes: “A língua é um sistema de signos que exprimem ideias, e é comparável, por isso, à escrita, ao alfabeto dos surdos-mudos, aos ritos simbólicos, às formas de polidez, aos sinais militares etc. Ela é apenas o principal desses sistemas”. É verdade, e de longe, mas apenas desde que se limite a definição dos sistemas de signos àqueles com vocação para comunicar explícita e intencionalmente. Buyssens definiu a semiologia como “o estudo dos processos de comunicação; esses processos envolvem a utilização de meios para influenciar outrem que devem ser reconhecidos por aqueles a quem se quer influenciar”.

O golpe de gênio de Barthes é não se contentar com os sistemas de comunicação, mas alargar seu campo de estudo aos sistemas de significação. Quem saboreou a língua se aborrece muito depressa com qualquer outra forma de linguagem: estudar a sinalização rodoviária ou os códigos militares é mais ou menos tão apaixonante para um linguista como jogar tarô ou

rami para um jogador de xadrez ou de pôquer. Como Umberto Eco poderia dizer: para comunicar, a língua é perfeita, não pode haver nada melhor. No entanto, a língua não diz tudo. O corpo fala, os objetos falam, a História fala, os destinos individuais ou coletivos falam, a vida e a morte nos falam sem parar, de mil formas diferentes. O homem é uma máquina de interpretar, e, por pouca imaginação que tenha, vê signos em todo lado: na cor do capote de sua mulher, no arranhão na porta do carro, nos hábitos alimentares dos vizinhos do mesmo andar, nos números mensais do desemprego na França, no gosto de banana do Beaujolais Nouveau (é sempre banana ou, mais raramente, framboesa. Por quê? Ninguém sabe, mas há obrigatoriamente uma explicação, e ela é semiológica), no andar altivo e gingado da mulher negra que percorre, na frente dele, os corredores do metrô, no hábito que seu colega de escritório tem de não abotoar os dois últimos botões da camisa, no ritual daquele jogador de futebol para comemorar um gol, no modo de sua parceira gritar para indicar um orgasmo, no design daqueles móveis escandinavos, no logotipo do principal patrocinador daquele torneio de tênis, na música dos créditos daquele filme, na arquitetura, na pintura, na cozinha, na moda, na publicidade, na decoração de interiores, na representação ocidental da mulher e do homem, do amor e da morte, do céu e da terra etc. Com Barthes, os signos já não precisam ser sinais: tornaram-se indícios. Mutações decisivas. Estão em todo lugar. De agora em diante, a semiologia está pronta para conquistar o vasto mundo.

5.

O delegado Bayard se apresenta na emergência do hospital La Pitié-Salpêtrière, onde lhe indicam o número do quarto de

Roland Barthes. Os elementos de que dispõe sobre o caso são os seguintes: um homem, sessenta e quatro anos, atropelado por uma caminhonete de lavanderia, na Rue des Écoles, segunda-feira à tarde, ao atravessar na faixa de pedestres. O motorista da caminhonete, um certo Yvan Delahov, de nacionalidade búlgara, estava levemente alcoolizado, sem estar cometendo infração: 0,6 g, abaixo das 0,8 autorizadas. Ele reconheceu que estava atrasado para entregar suas camisas. No entanto, declarou que a velocidade não superava sessenta quilômetros por hora. O homem acidentado estava inconsciente e não tinha nenhum documento quando a ambulância chegou, mas foi identificado por um de seus colegas, um certo Michel Foucault, professor do Collège de France e escritor. Verificou-se que se tratava de Roland Barthes, ele também professor do Collège de France e escritor.

Até aí, nada no caso justifica que se envie um investigador, e menos ainda um delegado dos Serviços de Inteligência. Na verdade, a presença de Jacques Bayard só se explica por um detalhe: quando Roland Barthes foi atropelado, no dia 25 de fevereiro de 1980, saía de um almoço com François Mitterrand, na Rue des Blancs-Manteaux.

A priori, não há ligação entre o almoço e o acidente, nem entre o candidato socialista à eleição presidencial que deve acontecer no ano que vem e o motorista búlgaro empregado de uma lavanderia, mas está na própria natureza dos Serviços de Inteligência informar-se a respeito de tudo, e, especialmente nestes tempos de pré-campanha eleitoral, a respeito de François Mitterrand. Michel Rocard, porém, é muito mais popular junto aos eleitores (pesquisa do instituto de opinião Sofres, de janeiro de 1980: “Qual é o melhor candidato socialista?”, Mitterrand 20%, Rocard 55%), mas talvez se considere nas altas esferas que ele não ousará atravessar o Rubicão: os socialistas são legitimistas, e Mitterrand foi reeleito à frente do Partido. Já há seis anos ele con-

seguira 49,19% dos votos, contra 50,81% para Giscard, ou seja, a menor diferença registrada numa eleição presidencial desde a instauração do sufrágio universal direto. Não se pode afastar o risco de que, pela primeira vez na história da V República, um presidente de esquerda seja eleito, e é por isso que os SI despacharam para lá um investigador. A missão de Jacques Bayard consiste, a priori, em verificar se Barthes bebeu demais na casa de Mitterrand, ou se, por acaso, não teria participado de uma orgia sadomasoquista com cães. Poucos escândalos afetaram o dirigente socialista nestes últimos anos, tudo indica que ele se comporta com cautela. Foi esquecido aquele falso sequestro nos jardins do Observatório. Viraram tabus a sua condecoração dada pelo regime de Vichy e sua passagem pelo governo de Pétain. Seria preciso algo novo. Jacques Bayard está oficialmente encarregado de verificar as circunstâncias do acidente, mas não precisa que lhe expliquem o que se espera dele: ver se não haveria um jeito de prejudicar a credibilidade do candidato socialista, vasculhando-a, e, se necessário, sujando-a.

Quando Jacques Bayard chega diante do quarto, descobre uma fila de vários metros no corredor. Todos esperam para fazer uma visita ao acidentado. Há velhos bem vestidos, jovens malvestidos, velhos malvestidos, jovens bem vestidos, estilos muito variados, cabelos compridos e cabelos curtos, indivíduos do tipo magrebino, mais homens que mulheres. Enquanto esperam a vez, conversam entre si, falam alto, brigam ou leem um livro, fumam um cigarro. Bayard, que ainda não avaliou exatamente a celebridade de Barthes, deve, ao que tudo indica, perguntar que bagunça é aquela. Usando suas prerrogativas, fura a fila, diz “Polícia” e entra no quarto.

Jacques Bayard nota de imediato: o leito espantosamente alto, o tubo enfiado na garganta, os hematomas no rosto, o olhar triste. Há outras quatro pessoas no quarto: o irmão mais novo, o

editor, o discípulo e uma espécie de jovem príncipe árabe, muito chique. O príncipe árabe é Youssef, amigo comum do mestre e do discípulo, Jean-Louis, este que o mestre considera o mais brilhante de seus alunos, este, em todo caso, por quem tem mais afeto. Jean-Louis e Youssef racham um apartamento no 13^o Arrondissement, onde organizam noitadas que alegam a vida de Barthes. Ali ele encontra um mundo de gente, estudantes, atrizes, personalidades diversas, volta e meia André Téchiné, às vezes Isabelle Adjani, e sempre uma massa de jovens intelectuais. Por ora, esses pormenores não interessam ao delegado Bayard, que só está ali para reconstituir as circunstâncias do acidente. Barthes voltara a si ao chegar ao hospital. Aos mais próximos, que acorreram, ele dizia: “Que besteira! Que besteira!”. Apesar das múltiplas contusões e de algumas costelas quebradas, seu estado não inspirava muito cuidado. Mas Barthes tem, como diz seu irmão caçula, “um calcanhar de Aquiles: os pulmões”. Contraiu tuberculose na juventude e é um fumante contumaz de charutos. Do que resulta uma insuficiência respiratória crônica que, nessa noite, o agarra de novo: ele se sufoca, precisa ser entubado. Quando Bayard chega, Barthes está acordado mas não pode mais falar.

Bayard se dirige a Barthes, baixinho. Vai lhe fazer umas perguntas, bastará que ele faça um sinal com a cabeça para responder sim ou não. Barthes olha para o delegado com seus olhos de cocker triste. Balança a cabeça, devagarinho.

“O senhor estava indo para seu local de trabalho quando o veículo o atropelou, é isso?” Barthes faz sim. “O veículo andava em alta velocidade?” Barthes inclina a cabeça para um lado, depois para o outro, lentamente, e Bayard entende que ele quer dizer que não sabe de nada. “Estava distraído?” Sim. “Sua desatenção decorria do almoço?” Não. “Do curso para preparar?” Um tempo. Sim. “Encontrou François Mitterrand naquele almoço?”

Sim. “Aconteceu algo especial ou inabitual durante aquele almoço?” Um tempo. Não. “Bebeu?” Sim. “Muito?” Não. “Um copo?”. Sim. “Dois copos?” Sim. “Três copos?” Um tempo. Sim. “Quatro copos?” Não. “Estava com os seus documentos quando ocorreu o acidente?” Sim. Um tempo. “Tem certeza?” Sim. “O senhor não tinha documentos quando foi encontrado. Será possível que os tenha esquecido em casa ou em outro lugar?” Um tempo mais longo. De repente o olhar de Barthes parece se encher de uma intensidade nova. Faz não com a cabeça. “Lembra se alguém mexeu no senhor quando estava no chão, antes da chegada do socorro?” Barthes parece não entender ou não ouvir a pergunta. Faz não. “Não, não se lembra?” Mais um tempo, mas desta vez Bayard pensa identificar a expressão do rosto: incredulidade. Barthes faz não. “Havia dinheiro na sua carteira?” Os olhos de Barthes fixam o interlocutor. “Sr. Barthes, está me ouvindo? Tinha dinheiro consigo?” Não. “Tinha alguma coisa de valor?” Nenhuma resposta. O olhar está tão fixo que, se não fosse um fogo estranho no fundo do olho, poderia se acreditar que Barthes estava morto. “Sr. Barthes? Possuía algo de valor consigo? Pensa que podem ter lhe roubado alguma coisa?” O silêncio que reina no quarto só é quebrado pelo fôlego rouco de Barthes que passa pelo tubo do respiradouro. Longos segundos ainda se passam. Lentamente, Barthes faz não, e depois vira a cabeça.

6.

Ao sair do hospital, o delegado Bayard acha que existe um problema; que, pensando bem, o que devia ser apenas uma investigação de rotina talvez não seja algo totalmente supérfluo; que o sumiço dos documentos é uma curiosa zona sombria naquilo que, porém, parece um acidente banal; que será preciso